

A LUTA FEMININA NO CENÁRIO POLÍTICO-SOCIAL SUL-RIO-GRANDENSE: O CASO DE ANNA AURORA DO AMARAL LISBOA NA CIDADE DE RIO PARDO – RS DE FINS DO SÉC. XIX AOS INÍCIOS DO SÉC. XX.

WOMEN FIGHT IN THE SOCIAL-POLITICAL SCENARY IN THE STATE OF RIO GRANDE DO SUL: THE CASE OF ANNA AURORA DO AMARAL LISBOA IN THE CITY OF RIO PARDO – RS FROM THE LATE NINETEENTH CENTURY TO THE EARLY TWENTIETH CENTURY.

Fábia Winck<sup>1</sup>

#### RESUMO

Este artigo tem a intenção de analisar a atuação social da mulher sul-rio-grandense de fins do século XIX aos inícios do século XX em seus aspectos políticos-sociais. Levando em consideração que um único personagem pode revelar importantes facetas de toda uma sociedade, analiso a movimentada vida de Anna Aurora do Amaral Lisboa, no ambiente da cidade de Rio Pardo, RS. Anna Aurora nasceu em meados do século XIX, em família tradicional, de renome social e econômico em Rio Pardo. Dentro dos padrões burgueses, tornou-se professora, atuando também nos campos da literatura, teatro e política. Esta personagem merece ser analisada, pois obteve notoriedade a partir de sua trajetória intelectual e profissional, excepcional para as mulheres daquele período. De personalidade atuante e intelectualmente marcante abriu espaços em uma sociedade construída por homens e para os homens, sendo participante ativa da política sul-rio-grandense, no período da guerra civil de 1893.

PALAVRAS-CHAVE: historia das mulheres; educação; revolução federalista; Rio Pardo.

#### ABSTRACT

---

<sup>1</sup> Licenciada em história pela Universidade de Santa Cruz do Sul

This article is aimed to analyze women social behavior in the State of Rio Grande do Sul from the end of the nineteenth century to the beginning of the twentieth century in political and social aspects. Considering that a single character can show important facets of a whole society, I analyze the busy life of Anna Aurora do Amaral Lisboa, in the environment of the city of Rio Pardo, Rio Grande do Sul. Anna Aurora was born in mid nineteenth century, in a traditional family, social and economically well-known in Rio Pardo. Within the bourgeois standards became a teacher, also working in the areas of literature, theater and politics. This character deserves to be analyzed, due to her notorious intellectual and professional trajectory, unusual for women of that time. With an active personality and intellectually remarkable, she opened spaces in a society built by and for men, being active participant of the politics of Rio Grande do Sul, during the period of the civil war of 1893.

**KEYWORDS:** Women history; education; federalist revolution; the city of Rio Pardo.

Em berço rio-pardense em meados do século XIX, nasce Anna Aurora, em uma família tradicional de renome social e econômico na cidade de Rio Pardo. Esta mulher, dentro de seus padrões burgueses torna-se professora, mas o que dá ênfase a esta personagem é como se articulou através de sua intelectualidade para entrar em uma sociedade produzida por homens, e bater-se de frente com os problemas sociais de sua época. Anna Aurora foi além do magistério, fora defensora de uma ideologia política, o que era uma ousadia para uma mulher de sua época.

Nas cidades do sul, devido a uma formação da elite nos centros urbanos a partir da segunda metade do século XIX, a idealização das mulheres em seus papéis familiares era muito semelhante ao que ocorria nos grandes centros europeus desde meados do século XVIII.<sup>2</sup> Anna Aurora não fez parte das moças que tradicionalmente se casavam e constituíam família, ao contrário, nunca se casou e duas de suas irmãs seguiram esse mesmo modelo. Segundo ela, o motivo era por se achar muito “feia e quase defeituosa o que a tornava

---

<sup>2</sup> **PEDRO**, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: PRIORI, Mary Del. (Org). Historia das Mulheres no Brasil. 7 ed. São Paulo, Contexto, 2004.

bastante retraída em sua adolescência,”<sup>3</sup> No entanto, Louro diz que: “O casamento e a maternidade eram efetivamente constituídos como a verdadeira carreira feminina”. Tudo que levasse as mulheres a se afastarem desse caminho seria percebido como um desvio de norma.

4

## O MAGISTÉRIO COMO SACERDÓCIO

*O acontecimento principal de minha vida e que influiu em toda ela foi a resolução que tomei de Estudar Na Escola Normal. (...) meu gosto pela leitura era inexcedível Morávamos em uma chácara (...) da qual funcionava uma aula primária que freqüentávamos, eu e minhas irmãs. Por esse tempo tinha sido fundada a antiga Escola Normal, foi decretado que as professoras já em exercício deviam tirar o curso da mesma. Em vista disto, a nossa professora, Dona Maria das Dores da Silva Cardoso, deixou a aula que freqüentávamos e foi estudar na Escola Normal. Em suas ultimas férias, em 1877, foi visitar-nos e minha mãe mostrou-lhe um caderno em que eu colecionava os meus versinhos. Lendo-os, exclamou: “O Sr. Lisboa deve mandar Anna Aurora estudar!” E dirigiu-se ao escritório de meu pai que me perguntou simplesmente: “Você quer estudar?” ao que respondi, também simplesmente: “Quero!” Esse quero decidiu toda a minha vida.*<sup>5</sup>

A decisão do pai nos permite retratar a situação econômica da família Amaral Lisboa, pois, seguindo o pensamento de Louro:

*de um modo geral, as meninas das camadas populares estavam, desde muito cedo, envolvidas nas tarefas domésticas, no trabalho da roça, no cuidado dos irmãos menores, e que essas atribuições tinham prioridades sobre qualquer forma de educação escolarizada para elas.*<sup>6</sup>

Em 1827, estabeleceram-se as escolas de primeiras letras, por todo o império, mas o numero de escolas criadas eram poucas, sendo ainda a maioria para meninos. A principio homens para a classe de meninos e mulheres para as classes de meninas. Estes professores

---

<sup>3</sup> **JORNAL DE RIO PARDO**, 01 de junho de 1951 Ano 1 nº. 35. p.02. – entrevista concedida ao Diretor da rádio de Cachoeira do Sul em 20 de outubro de 1950 e transcrita por este jornal.

<sup>4</sup> **LOURO**, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de Aula. In: PRIORI, Mary Del. (Org). Historia das Mulheres no Brasil. 7 ed. São Paulo, Contexto, 2004. p.454.

<sup>5</sup> Entrevista que Anna Aurora concedeu a Carlos Reverbel em 1942 e foi reproduzida por Guacira Lopes Louro em 2004

<sup>6</sup> **LOURO**, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de Aula. In: PRIORI, Mary Del. (Org). Historia das Mulheres no Brasil. 7 ed. São Paulo, Contexto, 2004. p.445.

segundo Louro “Deveriam ser eles e elas pessoas de moral inatacável, suas casas ambientes descentes e saudáveis, uma vez que as famílias lhe confiavam seus filhos e filhas...”<sup>7</sup>

Em 1881, Anna Aurora recebeu o diploma de professora pela Escola Normal de Porto Alegre, com distinção em todas as matérias, recebendo certas vantagens, segundo o regulamento da Instrução Pública da época.

Anna Aurora foi à primeira mulher rio-pardense a se formar<sup>8</sup>, pois como consta na entrevista transcrita acima, um decreto formalizou ofício do professor, antes feito por qualquer pessoa de “moral inatacável” que soubesse ler e escrever. Iniciou sua carreira como professora pública em 1883, em João Rodrigues (nesta época distrito do Couto em Rio Pardo) na cadeira do sexo masculino. É interessante frisar que homens davam aulas para meninos, e como foi dito acima eram em maior número as aulas para estes, fazendo com que, a profissão de professor fosse na maioria das vezes masculina. Isto acabou mudando ao serem criadas as Escolas Normais que formaram mais mulheres, levando em consideração que o processo de urbanização e industrialização ampliava as oportunidades de trabalho para os homens, tornando-se deste ponto uma profissão de mulheres.

No entanto, o magistério para as mulheres era visto mais como sacerdócio do que uma profissão. Mulheres, que se viam “feias, defeituosas, retraídas e desconfiadas”, teriam duas alternativas: ser freira ou professora, Louro diz que: “De algum modo se poderia dizer que” os ofícios novos abertos as mulheres neste fim de século levarão a dupla marca do modelo religioso e da metáfora materna: dedicação-disponibilidade, humildade-submissão, abnegação-sacrifício”<sup>9</sup>.

Uma entrevista dada por Anna Aurora em 1950 reforça a tese de Louro:

---

<sup>7</sup> ibidem p.444

<sup>8</sup> SPALDING, Walter. A grande Mestra: Ana Aurora do Amaral Lisboa e o castilhismo. Porto Alegre: Sulina, 1953.

<sup>9</sup> LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de Aula. In: PRIORI, Mary Del. (Org). Historia das Mulheres no Brasil. 7 ed. São Paulo, Contexto, 2004.p.454

“Qual foi a sua vocação principal? - Ensinar – Também tive vontade de entrar para um convento. Si não entrei, foi mais pelo amor que tínhamos ao convívio da família. Sempre fui dedicada ao estudo.”<sup>10</sup>

Deste ponto, devo fazer uma ressalva na carreira de Anna Aurora. Este ofício sacerdotal escolhido por ela, não fora assim, simplesmente tranqüilo. Para que se possa prosseguir, descreverei a trajetória profissional de Anna Aurora vista de outro ângulo, a sua participação como correligionária do Partido Libertador.

### A POLÍTICA COMO DOCTRINA

Em 1893, o Rio Grande do Sul estava envolvido em uma “disputa entre os dois caudilhos mais poderosos do Rio Grande do Sul, o doutor Julio de Castilhos líder do partido republicano rio-grandense e o conselheiro Gaspar Silveira Martins, líder do partido liberal e conhecido e como o Rei do Rio Grande”<sup>11</sup>. Esse momento, mais tarde, foi intitulado pela historiografia como Revolução Federalista.

Os adeptos do partido Liberal estavam descontentes com a ditadura eletiva imposta pelo republicano Julio de Castilhos, o que gerou uma cruel guerra civil, ou nas palavras de Décio Freitas “uma grande festa da morte”.

Anna Aurora, que vinha de uma família envolvida desde a Revolução Farroupilha com a política sul-rio-grandense, acabara tomando partido, ao lado dos opositoristas de Julio de Castilhos. Segundo Spalding, Anna Aurora era especialmente simpática à figura de Gaspar Silveira Martins, que segundo Freitas, tinha “um poder encantatório em seu verbo, parecia já em vida talhado de bronze”<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> JORNAL DE RIO PARDO, 01 de junho de 1951, Ano 1 nº. 35. p.02. – entrevista concedida ao Diretor da rádio de Cachoeira do Sul em 20 de outubro de 1950 e transcrita por este jornal.

<sup>11</sup> FREITAS, Décio. O Homem que inventou a ditadura no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 1999. p.10

<sup>12</sup>ibidem. p. 55

Ilda Flores nos informa que “raras mulheres escaparam à sanha castilhista, dando continuidade às letras, o que requeria muita coragem e iniciativa”.<sup>13</sup> Devemos lembrar que Anna Aurora possuía um cargo público. O lado partidário, no entanto, falou mais alto, por mais que ela o negasse acabou afrontando diretamente Julio Prestes de Castilhos. A família de Anna Aurora formou uma guerrilha à parte com o poderoso Julio de Castilhos. Os Amaral Lisboa não utilizaram facas para degolar os adversários castilhistas, mas travaram uma disputa pessoal com o líder do governo com um outro tipo de arma: penas e papel.

Utilizando a influência que tinha entre as mulheres rio-pardenses, em maio de 1893, Anna Aurora com o seu dom da escrita, pedia ajuda para os feridos do exército libertador: A seguir um trecho da Carta enviada às senhoras Rio-pardenses:

*Atravessa um momento angustioso: oprimido pela tirania contempla a luta que para reconquistar-lhe a liberdade (...). Acompanhando com o pensamento angustiado e o coração oprimido essa luta fratricida, lamentávamos profundamente a impossibilidade em que nos achávamos, nós, fracas mulheres, de poder prestar o menor auxílio aqueles que consideramos os libertadores do Rio Grande. Hoje, porém, se nos depara uma ocasião propícia de mostrarmos que não somos indiferentes aos sofrimentos daqueles que se sacrificam pelo bem comum foi aberta na Capital do Estado uma subscrição na qual se faz apelo aos sentimentos de caridade do povo rio-grandense, a fim de serem enviados ao Grande Brasileiro, o General Jôca Tavares auxílios pecuniários destinados ao tratamento dos feridos e prisioneiros do EXERCITO LIBERTADOR.<sup>14</sup>*

Foi desta forma que, em junho de 1893, Anna Aurora fora removida da aula que regia em Rio Pardo, para Vila Rica, onde atualmente é a cidade de Julio de Castilhos. Era óbvio que teria caído aos ouvidos do senhor Julio de Castilhos as suas caridosas manifestações com os feridos do exército libertador. Em julho Anna Aurora enviou uma carta direcionada a Julio de Castilhos, comunicando-o que daquele momento em diante se exonerava do magistério público. Suas convicções diziam que os gasparistas tirariam Castilhos do Poder, como mostra um trecho da carta enviadas por ela para o líder do governo:

*Cidadão Presidente. – Ana Aurora do Amaral Lisboa, professora da 1ª cadeira do sexo feminino, da cidade de Rio Pardo, vem declarar-vos que não aceita a sua remoção para a Vila Rica e que nesta data vos apresenta a sua demissão para a Vila Rica e que nesta data vos apresenta sua demissão, considerando-se desde este*

---

<sup>13</sup> FLORES, Hilda Agnes Hübner. Ana Aurora: educadora e política. In: PINTO, Gisele Bueno. (Org.). Antologia 1996. 1 ed. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1996.

<sup>14</sup> Arquivo Histórico Municipal de Rio Pardo: Fundos Privados Anna Aurora cx.01 pasta 01, 1877-1899

*momento exonerada do cargo que exerceu (...). Quando o Rio Grande voltar ao regime da Lei, voltará também à demissionária a ocupar o honroso posto de que hoje arrancada, com violação da Lei. Deus vos guarde cidadão Dr. Julio Prestes de Castilhos<sup>15</sup>.*

Como que de ato pensado, dois dias após a oficialização de sua exoneração a Intendência Municipal de Rio Pardo, Anna Aurora fundava associada a suas duas irmãs, um colégio particular “O Colégio Amaral Lisboa”. Pode-se concluir que sua popularidade era bastante forte em Rio Pardo, pois receberam logo um considerável numero de alunos e o colégio conseguiu sobreviver aos próximos episódios políticos que citarei.

Como já não existia nenhum vinculo entre Anna Aurora e a administração publica, ficaria mais fácil expressar seus ideais políticos. Muitas foram às perseguições do governo aos gasparistas, mas isso não intimidou aquela que é considerada hoje pela memória coletiva Riopardense como uma mulher de “faca na bota.”<sup>16</sup> Por volta de dois meses após o acontecido, estourou entre os castilhistas e sua família o que Walter Spalding denominou como “fósforo poético”. Uma das irmãs de Anna Aurora escrevera uma poesia dedicada a Gumercindo Saraiva, grande combatente ao lado dos gasparistas, e essa poesia acabou por cair em mãos de espiões do governo em Rio Pardo. Logo, os irmãos de Anna Aurora foram presos, e por ironia, o delegado de Rio Pardo na época era um dos irmãos Amaral Lisboa, o único republicano da família. Conhecendo a personalidade de Anna Aurora, e sabendo da sua intimidade com as letras, deram a autoria da poesia a ela, enviando-a uma carta anônima, que foi muito divulgada na imprensa da época. Além de acusá-la de ser a autora da poesia, feria os seus princípios fundamentais, a chamavam de “mulher solteira e sem pai”. Este episódio gerou um processo a Anna Aurora, pois essa encontrou o autor da carta anônima, que por sinal era o chefe do partido republicano em Rio Pardo, e apontou-lhe uma arma, não chegando a atirar, mas sim ofendendo os seus brios de homem que fora ameaçado por uma mulher.

Este acontecimento fez com que em fins da Revolução Federalista, Anna Aurora escrevesse um livro intitulado “Minha defesa” narrando os acontecimentos descritos acima, servindo como uma preciosa fonte para o desenvolvimento deste trabalho.

---

<sup>15</sup> SPALDING, Walter. A grande Mestra: Ana Aurora do Amaral Lisboa e o castilhismo. Porto Alegre: Sulina, 1953. p.33

<sup>16</sup> Não trabalhei com historia oral, mas todas as pessoas que conversei sobre o assunto a definiram assim, é um termo que virou popular para defini-la hoje em Rio Pardo.

O livro mostra uma face contraditória ao que nos diz os documentos produzidos pela própria Anna Aurora, vejamos um de seus discursos:

*Seja-me permitido, uma vez por todas, esclarecer este ponto, visto como tem sido a minha intervenção na política a causa ou motivo apresentado para justificar todas as denúncias, intrigas e perseguições de que tenho sido vítima. Admitindo que eu tome parte ativa na política, o que é falsíssimo, não há lei, que eu conheça pelo menos, que vede a mulher esse direito; há, sim, o preconceito social do qual sou acérrima defensora de que a missão da mulher deve restringir-se aos deveres do lar. (...) E que digam esses mesmos que me acusam dessa outra intervenção, onde e quando me ouvirem eles próprios falar e tratar de política. Em parte alguma e nunca.*<sup>17</sup>

Anna Aurora negou veemente a sua participação política, no entanto as cartas que recebera de muitos liberais afamados nesse período, além dos acontecimentos que a levaram a interromper sua carreira como professora pública, a condenam. Encontra-se no Arquivo Municipal de Rio Pardo, dezenas de cartas que levam a constatar a grande influência de Anna Aurora entre os mais importantes militantes do partido, comunicava-se com correligionários exilados no Uruguai e aparecia muitas vezes como uma pacificadora dos problemas internos do partido federalista após a morte de Gaspar Silveira Martins, além de seus textos jornalísticos redigidos para diversos jornais vinculados aos ideais federalistas. Em um momento em que política era coisa de homens e que as mulheres isso era restrito, será que as suas ações eram alheias demais para serem consideradas como uma forma de participação política?

## REFERÊNCIAS

---

<sup>17</sup> LISBOA, Ana Aurora do Amaral. A Minha defesa. Porto Alegre: Oficinas Tipográficas da Livraria Americana, 1895. p.7-9

ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE RIO PARDO. Fundo Anna Aurora e Zamira do Amaral Lisboa. Cxa. 02, Série Particular/Pessoal. Tipo documental: Nomeação. 1883.

\_\_\_\_\_ Cartas de Anna Aurora cx.01 pasta 01 – 1877-1899.

\_\_\_\_\_ Códice de Registros Gerais da Câmara nº. 96, ano 1893 p.225.

\_\_\_\_\_ Códice de Registro Gerais nº. 97, ano 1893. p. 12 - 37.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e a família burguesa. In: PRIORI, Mary Del. (Org). *Historia das Mulheres no Brasil*. 7 ed. São Paulo, Contexto, 2004.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Ana Aurora: educadora e política*. In: PINTO, Gisele Bueno. (Org.). *Antologia 1996*. 1 ed. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1996.

FREITAS, Décio. *O Homem que inventou a ditadura no Brasil*. Porto Alegre: Sulina, 1999.

JORNAL DE RIO PARDO, 01 de junho de 1951, ano 1 nº. 35. p.02.

LAYTANO, Dante de. *Guia Histórico de Rio Pardo*. Rio Pardo: Prefeitura municipal, 1979.

LISBOA, Ana Aurora do Amaral. *A Minha defesa*. Porto Alegre: Oficinas Tipográficas da Livraria Americana, 1895.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de Aula. In: PRIORI, Mary Del. (Org). *Historia das Mulheres no Brasil*. 7 ed. São Paulo, Contexto, 2004.

SPALDING, Walter. *A grande Mestra: Ana Aurora do Amaral Lisboa e o*